

Psicólogo escolar: educador ou clínico?

ROGER REGER*

À medida que um maior número de psicólogos passou a fazer parte das escolas públicas, as questões referentes a seu papel tornaram-se mais importantes (1). Determinar o papel básico do psicólogo escolar ajudaria a esclarecer inúmeros problemas que não podemos focalizar atualmente.

O debate sobre o papel dos psicólogos data, pelo menos, do tempo em que grande número deles começou a deixar as faculdades e universidades para trabalhar em pesquisa ou em áreas da psicologia aplicada. Esse debate assumiu muitas formas, mas desde os anos 40 duas questões têm sido objeto de discussão. Todos os psicólogos seriam fiéis ao modelo acadêmico em sua atuação? Ou haveria lugar na Psicologia para os que desejam filiar-se a um modelo clínico?

Os psicólogos estão presentes há anos nas escolas públicas, mas antes da década de 50 seu número era pequeno e seus papéis variavam. Hepburn nota que é possível encontrar registros psicológicos anteriores a 1920 em escolas públicas de Duluth e Minnesota (2). Eiserer observa que um estudo realizado em 1950 “indicou que os psicólogos que trabalhavam em escolas tinham nada menos de trinta e oito títulos profissionais” (3:9). Magary e Meacham mostraram que o número de psicólogos escolares nos Estados Unidos aumentou de 520, em 1950, para 2.724, em 1960 (4).

Lighthall reviu o atual status do psicólogo escolar e concluiu que “o psicólogo escolar tem sido, e ainda é, um psicólogo clínico”(5). Esta afirmação significa que as metas do psicólogo escolar não são as metas da escola na qual ele trabalha. “O fato de [o psicólogo escolar] atuar em uma escola com o autoconceito virtualmente inalterado e o *modus operandi* de um clínico, faz dele um membro de uma estranha aliança: trabalha na escola, mas pertence à clínica” (5:372).

Lyons e Powers fornecem uma ilustração gráfica desta situação (6).

* “The School Psychologist: Educator or Clinician?” The *Elementary School Journal*, 1964, 26-32. Tradução de Maria Regina Campello Gomes.

Realizaram um estudo longitudinal com crianças de escola primária que haviam sido dispensadas do sistema escolar de uma grande cidade por problemas de comportamento. Neste estudo, foram avaliadas as contribuições dos psicólogos: “Embora 263 escolas registrassem que o estudo psicológico havia sido de alguma forma útil aos professores e/ou pais, 144 escolas registraram que ele não tinha ajudado. Apenas uma escola deu uma razão para este fato, afirmando que o estudo psicológico era muito limitado”(6:159).

Talvez seja útil examinar o psicólogo enquanto acadêmico e clínico nas escolas.

- *O acadêmico* - O psicólogo acadêmico é aquele essencialmente fiel às tradições da faculdade ou da universidade. Ele é, basicamente, um cientista experimental do comportamento e um professor que está preocupado tanto com o estudo dos métodos da ciência psicológica, como com o conteúdo desta ciência. Para ele, a maneira como um problema é estudado é tão importante quanto o problema em si. Seja onde for que ele vá ou trabalhe, seu principal interesse reside na metodologia científica, na pesquisa e no ensino.
- *O clínico* - A psicologia clínica tornou-se o desafio mais marcante ao modelo da psicologia acadêmica (7). O modelo básico do psicólogo clínico é bastante diferente do modelo acadêmico.

O psicólogo clínico, mesmo quando se encontra num estabelecimento acadêmico, baseia-se principalmente em um modelo médico, mais do que em um modelo acadêmico. Seu interesse gira em torno de saúde e doença mental e do diagnóstico e cura de problemas do comportamento humano. A medida que se torna mais sofisticado, passa a se interessar mais pelos problemas abstratos da prevenção. O psicólogo clínico trabalha em hospitais psiquiátricos, em clínicas de orientação, em centros de tratamento de todos os tipos e cada vez mais em escolas públicas. Como observa Lighthall, quando a Psicologia começou a se fazer presente nas escolas públicas, era ainda um campo relativamente novo e “havia muito pouco além das habilidades do clínico para oferecer” (5).

- *O psicólogo escolar clínico* - Nas escolas públicas, o psicólogo trabalha num dos seguintes níveis, dependendo de sua sofisticação e da sofisticação do sistema escolar em que atua. No nível mais baixo de sofisticação está a aplicação de testes cujo principal objetivo é obter quocientes de inteligência. Sua existência é justificada pela crença, questionável, de que os testes de inteligência, quando administrados individualmente, fornecem um “retrato mais verdadeiro” do “Q.I. real”, do que os testes coletivos ou os testes mais simples e breves, especialmente aqueles que às vezes são aplicados por professores, fonoaudiólogos, especialistas em leitura e outros tipos de profissionais.

No próximo nível encontra-se o psicólogo escolar que faz psicoterapia além de testes psicológicos. Geralmente mantém-se atento ao número de crianças que testou, mas ainda assim consegue fazer com que algumas crianças façam terapia de grupo ou individual (8). Suas atividades psicoterápicas normalmente enfatizam uma distinção entre as atividades em sala de aula, que ele chama de educação, e aquelas que envolvem outros aspectos do comportamento. Nesta dicotomia, a “educação” é vista como responsabilidade do professor, mas o comportamento, especialmente o comportamento problema, é encarado como responsabilidade do psicoterapeuta.

No nível mais sofisticado está o psicólogo clínico escolar, que atua como consultor de saúde mental (9). Ele não gasta todo seu tempo com testes ou com psicoterapia, porque só se pode atingir muito poucas crianças por meio destas atividades. Ao invés disso, o psicólogo clínico consultor tenta difundir a saúde mental, procurando alcançar o maior número possível de pais, administradores e professores que, por sua vez, atingem o maior número possível de crianças. Está basicamente interessado pela prevenção. Sob condições ideais, as crianças que requerem testes e psicoterapia são enviadas a agências e profissionais especialistas nestas atividades fora do sistema escolar. Os deveres do psicólogo escolar clínico consultor tendem também a enfatizar a distinção entre educação e comportamento em sala de aula.

Uma nova direção - O modelo clínico de atuação do psicólogo nas escolas deveria ser seriamente reconsiderado. Quer o psicólogo que se identifica com o

modelo clínico ou médico se comprometa em simplesmente obter quocientes de inteligência, quer faça psicoterapia ou consultoria visando à prevenção, a adequação deste modelo deveria ser posta em discussão por várias razões.

Educação versus comportamento - Em primeiro lugar porque o modelo clínico tende a dividir o processo de educação em pelo menos duas classificações artificiais. A educação enquanto processo unitário parece ser algo um tanto incompatível com o modelo clínico. O clínico vê a educação como um processo técnico de transmissão de informações e habilidades às crianças. Mesmo a motivação é algo que a professora instala nas crianças. O comportamento, em suas várias manifestações, é visto como à parte do processo educacional. Quando o comportamento interfere com a educação é responsabilidade do especialista em saúde mental, e não do educador, fazer algo a respeito.

Responsabilidade - O modelo clínico enquanto modelo de atuação para o psicólogo escolar é de adequação questionável por uma segunda razão: quando o comportamento é separado artificialmente da educação, há uma forte tendência a absolver os professores da responsabilidade pelo comportamento da criança. As crianças problemáticas tendem a ser rejeitadas pelo professor, que acha que ele tem responsabilidade apenas para com as crianças que “respondem”. As crianças que têm problemas são algumas vezes vistas como não pertencentes à sala de aula. Os professores que acham que a criança problemática não é de sua responsabilidade constituem um sério problema para o sistema educacional. Os psicólogos que favorecem este processo de rejeição, ainda que talvez ajudem a um pequeno número de crianças, tendem a agravar e aumentar o problema como um todo.

Na escola primária média é provável que haja uma grande porcentagem de crianças portadoras de algum tipo de problema. Uma criança pode ter um sério defeito de fala; uma outra pode apresentar problemas interpessoais ou de conduta e ainda outra pode estar lendo num nível consideravelmente abaixo da média da classe. Muitos professores, infelizmente encorajados pelo psicólogo, consideram, sem dúvida, que se isentaram de responsabilidade educacional em relação a uma criança, a partir do momento em que preencheram uma ficha de encaminhamento. O encaminhamento é realmente a medida da responsabilidade do professor para com

estas crianças? O que acontece se o encaminhamento não tiver qualquer ressonância?

O locus dos problemas das crianças - Há uma terceira razão para examinar criticamente a aceitação do modelo clínico pelo psicólogo escolar. Trata-se da natureza dos problemas com os quais ele trabalha. As crianças que têm problemas de comportamento, especialmente crianças que são difíceis de lidar, e portanto perturbam a rotina na sala de aula, são normalmente consideradas como emocionalmente perturbadas ou como “portadoras de problemas”. Geralmente, nada é feito no sentido de examinar as condições sob as quais a criança “tem” seus problemas, a fim de determinar se as condições, mais do que a criança, contribuem para os problemas observados (10). Para o psicólogo escolar clínico, a doutrina doença-psicodinâmica estabelece que a criança que está apresentando problemas de comportamento contém dentro dela mesma a causa dos problemas, assim como a fonte potencial para sua resolução. Por esta razão, a psicoterapia é tão freqüentemente recomendada.

O psicólogo que trabalha com animais no laboratório provavelmente jamais supõe que quando os animais não respondem às condições experimentais, eles são portadores de doença psíquica ou mental. Se o animal não aprende a executar uma manobra, a causa é procurada nas condições de aprendizagem que lhe são oferecidas. Por alguma razão, entretanto, quando o psicólogo ingressa no sistema escolar, ele se esquece da possibilidade de modificar as condições para as crianças que têm problemas. Quando uma criança é abertamente agressiva ou esquivada ou não aprende a ler, supõe-se que a causa esteja mais na criança do que nas condições a ela oferecidas. Mesmo quando as condições para a aprendizagem são alteradas como quando, por exemplo, a criança é colocada numa classe especial, mesmo assim supõe-se que, fundamentalmente, o problema está na criança. Esta atitude, se superenfaticada, pode anular os efeitos da colocação numa classe especial.

Há ainda uma outra razão para questionar a adequação do modelo clínico para os psicólogos escolares. E esta razão é muito simples: existe um modelo mais apropriado.

O objetivo do psicólogo escolar - O psicólogo escolar atua, em primeiro lugar,

de acordo com um papel de educador. Seu objetivo básico no sistema da escola pública é ajudar a aumentar a qualidade e a eficiência do processo educacional através da aplicação dos conhecimentos psicológicos (11, 12). Ele está nas escolas para ajudar a planejar programas educacionais para as crianças (13).

Quando o psicólogo escolar encoraja os professores a encaminhar as crianças que têm problemas, deve também encorajá-los a perceber que enquanto as crianças estão em suas classes, não importando a natureza de seus problemas, elas são de sua responsabilidade. Mesmo quando alguém mais - um professor visitante ou um psicoterapeuta de uma clínica de orientação infantil, por exemplo - está trabalhando com a criança, ainda é responsabilidade do professor lidar com a criança na sala de aula.

O psicólogo escolar não deveria tentar alimentar a idéia de que ele pode assumir pelo professor a responsabilidade por seus problemas em sala de aula. O professor, ao enfrentar diariamente os problemas das crianças, deve ser capaz de usar seu julgamento crítico e ter uma ação decisiva sobre a variedade de problemas que podem surgir de um minuto para outro. Seus processos de pensamento e de julgamento não deveriam estar bloqueados pela crença de que outros profissionais podem assumir suas responsabilidades e pensar por ele.

O modelo educacional - O modelo mais apropriado para o psicólogo escolar, então, parece ser o educacional. Embora este modelo não se identifique com o modelo acadêmico, ambos possuem muitos elementos em comum. Para o psicólogo escolar, a transição entre o papel educacional e o papel acadêmico seria relativamente confortável.

O psicólogo escolar é um profissional, mas também é um cientista e um engenheiro educacional ou projetista de planos educacionais que se vale das mais modernas metodologias e técnicas. Tem muito em comum com o administrador educacional e com o professor, na medida em que procura usar o sistema educacional tão efetivamente quanto possível para cada criança individualmente ou grupos de crianças. Tal como seus colegas educadores, ele daria mais ênfase ao crescimento e ao desenvolvimento das crianças do que à "patologia". Difere do administrador e do professor na medida em que visa à aplicação mais consistente do método científico

na resolução de problemas educacionais e psicológicos.

Ao colaborar no planejamento de programas educacionais, o psicólogo escolar pode se valer de inúmeros métodos e materiais. Pode lançar mão de testes psicológicos para ajudar a compreender as crianças tomadas individualmente. Os resultados de tais testes ajudariam-no a tomar decisões fundamentadas sobre certos aspectos do problema de uma criança. Estas decisões, por sua vez, permitiriam que outros no sistema educacional desenvolvessem um plano global e eficiente para esta criança. O psicólogo não deveria cair no erro comum de permitir que os testes tomem decisões por ele, como acontece quando a distribuição dos alunos em diferentes salas de aula é feita unicamente a partir de quocientes de inteligência. Ele não esperaria que os outros acreditassem que os testes psicológicos decidem. Um psicólogo está dizendo que o rabo balança o cachorro quando diz: “o Q.I. desta criança é 70, portanto, ela terá que ser colocada em uma classe especial para crianças retardadas”.

O psicólogo escolar seria um elo entre o mundo acadêmico e o sistema escolar. No modelo clínico, o psicólogo escolar serve como elo entre várias agências de saúde mental e o sistema escolar. Esta função de ligação pode, provavelmente, ser executada mais efetivamente pelos assistentes sociais escolares que são especialmente treinados para executar a ligação entre a escola e as agências de serviços externos.

Enquanto agente de ligação entre o mundo acadêmico e o sistema escolar, o psicólogo escolar está interessado em metodologias científicas e resultados de pesquisa geralmente obtidos no ambiente acadêmico. Enquanto profissional educacional, tentaria traduzir estas metodologias e resultados em ação nas escolas. Ao fazer isso ele pode atender a dois objetivos: pode ajudar a superar o notório e tradicional descompasso entre educação e aplicação de resultados de pesquisa e pode também encorajar atividades de pesquisa nas escolas. servindo como elemento de ligação para os acadêmicos que queiram estabelecer contato com indivíduos que falem a sua linguagem nas escolas.

Enquanto educador comprometido com a identidade acadêmica, o psicólogo escolar pode tentar ensinar a outros profissionais no sistema escolar. Cada criança

que ele estuda seria uma oportunidade para uma experiência de ensino e de aprendizagem para o pessoal da escola. O psicólogo escolar não pode planejar sozinho as decisões para as crianças, mas pode fornecer condições de aprendizagem para que os que investidos de autoridade e de responsabilidade, possam tomar as melhores decisões referentes a programas educacionais.

Finalmente, a maneira como o psicólogo escolar gasta seu tempo dependeria de suas habilidades e de sua experiência. É irreal supor que todos os que trabalham como psicólogos sejam capazes de conduzir pesquisas formais. Apenas uma proporção muito pequena do total de psicólogos nos Estados Unidos realmente se encarrega da maioria das pesquisas psicológicas.

Como já dissemos, o propósito central do psicólogo escolar é ajudar a planejar programas educacionais. Este objetivo pode ser levado a cabo de várias maneiras. Ele não deveria se prender a nenhuma delas.

O psicólogo jovem e inexperiente necessita de tempo para tornar-se competente no manejo de seu instrumental básico e para inteirar-se do sistema escolar. Precisarão freqüentar reuniões e encontrar-se com o maior número possível de pessoas. Terá que passar muito tempo nas salas de aula. A medida que for ficando mais experiente, deve ter a oportunidade de fazer o uso correspondente das capacidades adquiridas até que, finalmente, suas atividades enquanto psicólogo educador se assemelhem às dos psicólogos acadêmicos.

O psicólogo escolar experiente poderia exercer com facilidade os papéis de consultor, orientador, professor e pesquisador .

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Arthur J. Bindman (org.), "Roles and Functions in School Mental Health", *Journal of Education*, CXLVI. fev. 1964. p. 3-60.
2. Andrew W. Hepburn, "The School Psychologist". *Education*, LXXXIV, nov., 1963, 137-40.
3. Paul E. Eiserer, *The School Psychologist*. Washington, D.C., Center for Applied Research in Education, 1963.
4. James F. Magary e Merle L. Meacham, "The Growth of School Psychology in the Last Decade", *Journal of School Psychology*, 1, jan., 1963, 5-13.
5. Frederick F. Lighthall, "School Psychology: an Alien Guild", *Elementary School Journal*, LXIII, abril, 1963, 361-74.
6. Dorothy F. Lyons e Virginia Powers, "Follow-up Study of Elementary School Children Exempted from Los Angeles City Schools during 1960-1961", *Exceptional Children*. XXX, dezembro, 1963, 155-62.
7. Robert C. Tryon. "Psychology in Flux: The Academic-Professional Bipolarity", *American Psychologist*, XVIII, março, 1963, 134-43.
8. Stuart M. Losen, "The School Psychologist Psychotherapist or Consultant?", *Psychology in the Schools*, I, jan., 1964, 13-17.
9. Alan O. Ross, "The School Psychologist's Role Seen from the Child Guidance Clinic", *Psychology in the Schools*, I, jan., 1964, 19.21.
10. Herbert G. Birch, "The Relevance of Learning Theory to Directing Learning in Children", Trabalho apresentado no encontro anual da American Orthopsychiatry Association, Washington, D.C., 9 de março de 1963.
11. N. L. Pielstick, "School Psychology, a Focus on Learning", *Journal of School Psychology*, I, jan., 1963, 14-19.
12. Roger Reger, *School Psychology*. Springfield, Illinois, Charles C. Thomas, no prelo.